



Guerra jurídica

Tribunal de Haia começa a julgar Israel, acusado de genocídio em Gaza

— Caso montado pela África do Sul cita bombardeios indiscriminados e declarações extremistas de membros do governo israelense que defenderam a morte de palestinos

HAIA

A Corte Internacional de Justiça (CIJ) iniciou ontem o julgamento de Israel, acusado pela África do Sul de cometer genocídio em Gaza. O caso usa declarações de membros radicais do governo israelense que defenderam o extermínio de palestinos. Israel nega as acusações e seus advogados serão ouvidos hoje. Eles alegam que os discursos foram tirados de contexto e as operações no enclave respeitaram o direito internacional.

É a primeira vez que Israel encara uma acusação de genocídio na CIJ. Embora uma decisão final possa levar anos, a África do Sul solicitou ao Tribunal de Haia algumas medidas cautelares, que variam desde a exigência de um cessar-fogo até a entrada de mais ajuda humanitária.

A CIJ também pode decidir que há plausibilidade nas alegações da África do Sul, antes de julgar o caso. O nível de exigência para admitir a possibilidade

de genocídio é muito mais baixo do que determinar que ele de fato ocorreu. Para Israel, a mera dúvida representa um risco para sua imagem e poderia dificultar o apoio dos EUA a um país que, segundo o Tribunal de Haia, poderia estar cometendo genocídio.

ARGUMENTOS. O caso montado pela África do Sul alega que Israel cometeu genocídio, incitação ao genocídio, tentativa de genocídio e falha em punir incitação ao genocídio. O processo cita que 70% dos mortos em Gaza são mulheres e crianças e detalha os bombardeios israelenses com bombas não guiadas, além de restrições ao acesso a água, comida, luz e remédios.

Outro fator crucial no documento de 84 páginas apresentado pelo advogado sul-africano Tembeka Ngcukaitobi são as declarações extremistas de membros do governo de Israel. Em outubro, ao anunciar a segunda fase da guerra, o premiê, Bibinam Netanyahu, citou a Bíblia. “Lembre-se do que Amaleque fez com você”, afirmou,

Para lembrar

O Hamas e as origens da guerra na Faixa de Gaza

● **Os ataques do Hamas**
A origem da guerra em Gaza está nos ataques de 7 de outubro, quando militantes do Hamas invadiram Israel, mataram 1,2 mil pessoas e sequestraram outras 240.

● **Resposta de Israel**
O governo de Israel prometeu acabar com o Hamas, que

opera em Gaza. Os bombardeios já mataram 23,3 mil palestinos, a maioria mulheres e crianças.

● **Escudos humanos**
Segundo Israel, o Exército respeita as leis internacionais e faz de tudo para evitar a morte de civis. No entanto, segundo os militares israelenses, o Hamas usa os palestinos como escudos humanos e opera em bases localizadas em campos de refugiados, escolas e hospitais.

em referência à ordem de Deus a Saul para destruir os amalequitas. “Matem homens e mulheres, crianças e bebês, gado e ovelhas, camelos e burros”, diz o Livro de Samuel, no Velho Testamento.

Dois dias após o início da guerra, o ministro da Defesa, Yoav Gallant, se referiu aos palestinos como “animais humanos”. “O cerco é total. Não haverá eletricidade, comida, água, combustível. Israel está lutan-

do contra animais humanos. Eliminaremos tudo.”

Ngcukaitobi também citou o ministro do Patrimônio, Amihai Eliyahu, que sugeriu lançar uma bomba atômica em Gaza, além do ministro da Segurança, Itamar Ben-Gvir: “Quando dizemos que o Hamas deve ser destruído, significa que aqueles que comemoram, apoiam e distribuem doces, todos são terroristas e devem ser destruídos”, afirmou Ben-Gvir.

Os advogados de Israel, liderados pelo britânico Malcom Shaw, apresentarão hoje a defesa. Ontem, o governo israelense acusou a África do Sul de atuar como “braço jurídico” do Hamas e se referiu aos advogados sul-africanos como “representantes” do grupo terrorista no Tribunal de Haia.

RISCO. Os israelenses afirmam que as declarações de membros do governo foram tiradas de contexto – no mesmo discurso, por exemplo, Netanyahu deu garantias de que o Exército respeitaria o direito internacional. A defesa também citará os milhões de folhetos, ligações telefônicas e mensagens de texto pedindo aos civis que deixassem as áreas que seriam bombardeadas.

O caso será decidido por 15 juizes, alguns de democracias ocidentais, como França, Alemanha, Austrália, Japão e Brasil. Mas muitos magistrados vêm de autocracias, como Rússia, China, Marrocos, Somália e Uganda, o que pode complicar a situação de Israel. ● **APENYT**

Aliança entre Mandela e Arafat ajuda a explicar apoio aos palestinos

WASHINGTON

A decisão do governo da África do Sul de acusar Israel de genocídio tem raízes históricas na aliança forjada entre o movimento antiapartheid, liderado por Nelson Mandela, e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), de Yasser Arafat, durante a Guerra Fria.

Nos últimos anos, o Congresso Nacional Africano (CNA), partido que governa a África do Sul desde o fim do apartheid, cultivou ligações com grupos palestinos, entre eles o Hamas, e o discurso anti-Israel tem forte apelo junto aos jovens.

Um exemplo desse vínculo histórico é a viagem de Mandela a Zâmbia, após sua libertação, em 1990, para se reunir com líderes africanos

que haviam apoiado a luta contra o apartheid. Na ocasião, uma figura se destacou entre os homens de terno que aguardavam para cumprimentá-lo no aeroporto: Arafat, usando seu keffiyeh xadrez preto e branco.

APOIO. A África do Sul não é um peso-pesado diplomático e está geograficamente distante do conflito. Mas o CNA, que Mandela liderou, manteve sua forte posição pró-Palestina, mesmo após sua morte, em 2013.

O ataque de Israel a Gaza renovou a solidariedade do CNA. Milhares de pessoas marcharam em Johannesburg e Cidade do Cabo em apoio à causa palestina. “Ficamos ao lado dos palestinos e continuaremos a ficar ao lado de nossos irmãos e irmãs palestinos”, dis-

se o neto de Mandela, Mandla Mandela, em comício na Cidade do Cabo. Deputado do CNA, ele usava um keffiyeh palestino preto e branco no pescoço enquanto falava para uma grande multidão.

O presidente sul-africano, Cyril Ramaphosa, criticou tanto Israel quanto o Hamas, mas também apareceu em público usando um keffiyeh e segurando uma bandeira palestina, deixando pouca dúvida sobre as simpatias da África do Sul.

ALIANÇA. Em dezembro, autoridades do CNA receberam três líderes do Hamas na África do Sul, incluindo o principal representante do grupo no Irã. Eles participaram de uma cerimônia que marcou o 10.º aniversário da morte de Mandela, diante de uma estátua do ex-presidente na sede do governo.

O CNA alega que está adotando uma posição moral no caso de genocídio, buscando uma ordem para que Israel pare com os ataques em Gaza que mataram mais de 23,3 mil palestinos, dois terços deles

mulheres e crianças.

Mandela mencionava os palestinos sempre que podia. Três anos após o fim do apartheid, após ser eleito presidente, em 1994, ele agradeceu à comunidade internacional pela ajuda e acrescentou: “Sabemos muito bem que nossa liberdade é incompleta sem a liberdade dos palestinos”.

“Sabemos muito bem que nossa liberdade é incompleta sem a liberdade dos palestinos”

Nelson Mandela
Ex-presidente da África do Sul e líder do CNA na luta contra o apartheid

Mandela e os líderes sul-africanos compararam as restrições impostas por Israel aos palestinos em Gaza e na Cisjordânia com o tratamento dado aos sul-africanos negros durante o apartheid, enquadrando as duas questões como fundamentalmente relacionadas a pessoas oprimidas em sua terra natal.

Durante a Guerra Fria, Israel forneceu sistemas de armas para o governo do apartheid na África do Sul e manteve laços militares secretos com os brancos até meados da década de 80, mesmo depois de ter renunciado publicamente o regime de segregação racial.

CRÍTICAS. O CNA sempre criticou Israel como um “Estado de apartheid”. “Muitos grupos de direitos humanos também acusaram o governo israelense de adotar um regime de apartheid contra os palestinos e isso tem forte apelo na África do Sul”, afirma Thamsanqa Malusi, advogado sul-africano de direitos humanos.

Israel rejeita categoricamente essa caracterização, dizendo que sua minoria árabe goza de plenos direitos civis. O país vê Gaza, de onde retirou soldados e colonos em 2005, como uma entidade hostil governada pelo Hamas, um grupo terrorista islâmico, e considera a Cisjordânia como um território disputado, sujeito a negociações de paz que fracassaram há mais de uma década. ● **WP**